

AUDIODESCRIÇÃO E ACESSIBILIDADE: A IMPORTÂNCIA DA VALIDAÇÃO POR CONSULTORES COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Eixo 10. Tecnologia Assistiva e Acessibilidade Comunicação Científico-Audiovisual

Raffaella LUPETINA

raffaelalupetina@ibc.gov.br

Professora do Programa de Pós-Graduação em
Ensino na Temática da Deficiência Visual do Instituto

Benjamin Constant (IBC)

Pós-Doutora em Educação (UFRRJ)

Fernanda DOS SANTOS

fernandasantos@ufsj.edu.br

Transcritora de Textos Braille da Universidade Federal de
São João del Rei (UFSJ) e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino
na Temática da Deficiência Visual do Instituto Benjamin Constant (IBC)

Felipe MONTEIRO

consultorfelipemonteiro@gmail.com

Doutorando do programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de
Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

RESUMO: O tema do estudo versa sobre a importância do papel do consultor de audiodescrição para garantir uma verdadeira acessibilidade para as pessoas com deficiência visual e demais beneficiários da audiodescrição. Sendo o consultor de audiodescrição obrigatoriamente uma pessoa com deficiência visual, cego ou com baixa visão, que lapida e valida o roteiro escrito pelo profissional roteirista vidente. O estudo teve como problema de pesquisa a real necessidade das alterações realizadas no roteiro de audiodescrição após passar pelo consultor, com os objetivos de investigar quais as principais modificações apresentadas pelo profissional com deficiência visual a fim de aprimorar a qualidade do roteiro e garantir uma verdadeira acessibilidade. Para isso, foram apresentadas duas imagens estáticas para um roteirista vidente para a realização do roteiro de audiodescrição inicial, em seguida, as imagens e roteiros foram enviados para dois consultores de audiodescrição cegos, separadamente, para as respectivas modificações. Os resultados apontaram uma melhor escolha de palavras e concordâncias verbais que tornaram o roteiro de audiodescrição mais acessível e assertivo. Corroborando com a importância do profissional consultor na composição do texto para realmente atender ao público-alvo. A partir da pesquisa consideramos fundamental e necessária a valorização da atuação da pessoa com deficiência visual no processo de construção do roteiro de audiodescrição.

Palavras-chave: audiodescrição. acessibilidade. consultor em audiodescrição.

1 INTRODUÇÃO

A acessibilidade comunicacional tem ganhado destaque nas últimas décadas como um dos pilares fundamentais para a inclusão social, cultural e educacional de pessoas com deficiência. Nesse contexto, a audiodescrição emerge como uma ferramenta essencial para garantir o acesso de pessoas com deficiência visual a conteúdos visuais, sejam eles estáticos ou dinâmicos.

Trata-se de um conjunto de diretrizes que realiza uma tradução intersemiótica de imagens em palavras, permitindo que elementos visuais sejam transformados em linguagem verbal, de modo a tornar compreensível o conteúdo imagético para quem não pode vê-lo (Mayer et Pinto, 2018; Snyder, 2007). A audiodescrição pode tanto ser apresentada na modalidade verbal como de forma escrita, especialmente em contextos digitais e materiais impressos, ampliando as possibilidades de acesso e adaptação às diferentes necessidades dos usuários.

Embora a audiodescrição tenha sido inicialmente pensada para atender às necessidades de pessoas com deficiência visual, sua aplicação revela benefícios que transcendem esse público. Crianças em fase de alfabetização, idosos com perda de visão relacionada à idade, pessoas com deficiência intelectual e até mesmo indivíduos em ambientes com restrições visuais temporárias podem se beneficiar da descrição verbal de imagens (Joly, 2007). Além disso, a audiodescrição pode ser uma ferramenta pedagógica eficaz, promovendo o desenvolvimento da linguagem, da atenção e da capacidade de análise crítica de conteúdos visuais.

Para Motta et Filho (2010) e Lupetina (2021b), que coaduna com o entendimento dos autores dessa pesquisa, o público-alvo da audiodescrição vai muito além das pessoas com deficiência visual. A audiodescrição pode beneficiar a todos, que seriam:

- a) Pessoas com deficiência visual (cegos, com baixa visão, monoculares).
- b) Surdocegos com resíduo auditivo.
- c) Pessoas com comprometimentos cognitivos (com Síndrome de Down, Asperger, Transtorno do Espectro Autista, Dislexia, sequelas temporárias ou permanentes de isquemias, AVCs, aneurismas, disfunções neurológicas, etc.)
- d) Analfabetos.
- e) Idosos.

f) Público em geral.

Dessa forma, dentre as diversas definições existentes sobre audiodescrição, optamos por apresentar essa, que propõe uma compreensão mais abrangente e acolhedora:

A audiodescrição é um recurso de acessibilidade que amplia o entendimento das pessoas com deficiência visual em eventos culturais, gravados ou ao vivo, como: peças de teatro, programas de TV, exposições, mostras, musicais, óperas, desfiles e espetáculos de dança, eventos turísticos, esportivos, pedagógicos e científicos tais como aulas, seminários, congressos, palestras, feiras e outros, por meio de informação sonora. É uma atividade de mediação linguística, uma modalidade de tradução intersemiótica, que transforma o visual em verbal, abrindo possibilidades maiores de acesso à cultura e à informação, contribuindo para a inclusão cultural, social e escolar. Além das pessoas com deficiência visual, a audiodescrição amplia também o entendimento de pessoas com deficiência intelectual, idosos e disléxicos (Motta et Filho, 2010, p.7).

Para compreender o funcionamento e as demandas desse recurso, é importante diferenciar os tipos de imagens a serem descritas. A imagem estática refere-se a conteúdos visuais que não possuem movimento, como: fotografias, pinturas, cartazes, organogramas e gráficos. Já a imagem dinâmica envolve movimento e transformação ao longo do tempo, como ocorre em: filmes, peças teatrais, vídeos e apresentações multimídia (Joly, 2007). Uma obra de arte exibida em uma exposição, por exemplo, é uma imagem estática, enquanto um filme exibido no cinema é uma imagem dinâmica. Cada tipo de imagem exige diretrizes específicas de descrição, considerando aspectos como tempo de exposição, complexidade visual e relação com o conteúdo narrativo.

Essa distinção orienta as diferentes formas de aplicação da audiodescrição no cotidiano. Em palestras, eventos e *lives* (conforme Lupetina, 2021a), o profissional de audiodescrição deve situar a pessoa com deficiência visual no espaço, descrevendo a disposição de objetos e participantes, identificando quem fala e detalhando o material visual apresentado, como filmes e slides. No contexto escolar, pode ser aplicada aos materiais didáticos utilizados pelos professores. Nos livros, abrangem-se ilustrações, fotografias e gráficos. Já nas redes sociais, é muito comum o uso de *hashtags* como #PraCegoVer e #PraTodosVerem acompanhadas da descrição das imagens, ou o uso do texto alternativo, ampliando a acessibilidade do conteúdo visual publicado online.

As pessoas com deficiência visual que utilizam tecnologias assistivas, os leitores de tela são ferramentas fundamentais que vocalizam o texto exibido na tela do computador ou dispositivo móvel, permitindo a navegação e compreensão de conteúdos digitais. Por isso, a descrição textual adequada, como o texto alternativo em imagens, é essencial para garantir que o leitor de tela possa transmitir com precisão o conteúdo visual ao usuário.

No entanto, cabe ressaltar que, o texto alternativo só atende quem é usuário dos leitores de tela (que transformam o texto em voz), comumente utilizado pelas pessoas cegas. As pessoas com baixa visão, costumam utilizar o recurso de ampliação da letra, nesse caso, colocar o texto de audiodescrição o corpo do texto (e não somente no texto alternativo) beneficia um maior quantitativo de pessoas, incluindo as pessoas com baixa visão.

Para garantir a qualidade dessas diferentes aplicações, a produção de audiodescrição deve envolver uma equipe multidisciplinar, composta por profissionais com funções específicas e complementares (Ferreira, 2020). O roteirista é responsável o texto descritivo, selecionando os elementos visuais mais relevantes e organizando-os de forma clara e objetiva. O consultor, obrigatoriamente uma pessoa com deficiência visual (cega ou com baixa visão) – contribui com sua perspectiva para validar a pertinência e a clareza das descrições, garantindo que o conteúdo seja realmente acessível. O narrador, interpreta e vocaliza o roteiro, respeitando o ritmo da obra original e a entonação adequada para cada situação. Cabe ao narrador garantir que a descrição seja entregue de forma natural, clara e fluida, sem sobrepor ou atrapalhar os diálogos ou sons originais, facilitando a recepção pelo público. Em alguns casos, há também o revisor, que assegura a correção linguística e a adequação técnica do roteiro.

De acordo com Neves (2011), uma equipe completa de audiodescrição seria:

- a) Roteirista de audiodescrição – pessoa vidente (áreas comuns de formação: comunicação social, letras + capacitação em AD).
- b) Revisor – revisa o texto escrito pelo roteirista, nem sempre tem esse profissional.
- c) Consultor – obrigatoriamente pessoa com deficiência visual, de preferência com capacitação em AD.
- d) Narrador (áreas comuns de formação: comunicação social, rádio, artes cênicas, dublagem + capacitação em AD).

e) Técnico de áudio (desejável capacitação em AD).

No entanto, entendemos que, muitas vezes por questões de ausências de recursos financeiros, a equipe se reduz a: roteirista, consultor e narrador.

Entendemos, portanto que, a audiodescrição não é apenas uma técnica de acessibilidade, mas também uma prática discursiva que envolve escolhas linguísticas, éticas e estéticas. Sua aplicação demanda sensibilidade cultural, domínio técnico e compromisso com a inclusão. Ao contextualizar a audiodescrição como uma prática social e comunicacional, é possível compreender seu papel transformador na promoção da cidadania e no acesso equitativo à informação e à cultura.

A atuação do consultor é marcada pela experiência sensorial e pela vivência cotidiana da ausência de visão, o que lhe confere uma perspectiva única sobre o que é relevante, compreensível e necessário em uma descrição. Como aponta Motta et Filho (2010), o consultor não apenas revisa o conteúdo, mas também contribui com sugestões que tornam o texto mais fluido, natural e adaptado às necessidades do público-alvo. Essa colaboração é essencial para evitar descrições excessivamente técnicas ou redundantes, que podem comprometer a compreensão e a fruição estética da obra.

A consultoria em audiodescrição também envolve aspectos linguísticos e estilísticos. O consultor avalia a escolha de palavras, a coerência textual, a adequação do vocabulário e a clareza das informações. A intervenção do consultor pode resultar em ajustes significativos no roteiro, como a substituição de termos ambíguos, a reorganização de frases e a eliminação de descrições irrelevantes. Essas modificações não apenas aprimoram a qualidade do texto, mas também asseguram que ele esteja alinhado com as expectativas e necessidades do público com deficiência visual.

A presença do consultor no processo de produção da audiodescrição representa um avanço ético e político na construção de práticas verdadeiramente inclusivas. Ao reconhecer o protagonismo da pessoa com deficiência visual, rompe-se com a lógica assistencialista e se promove uma abordagem colaborativa, em que o conhecimento técnico do roteirista se alia à vivência sensorial do consultor. Como destaca Mayer et Pinto (2018), essa parceria é indispensável para garantir que a

audiodescrição não seja apenas uma transposição verbal de imagens, mas uma mediação significativa entre o conteúdo visual e o receptor.

A importância da consultoria é ainda mais evidente quando se trata da audiodescrição de imagens estáticas, como fotografias, pinturas ou cartazes. Nesses casos, o tempo de exposição é maior, o que permite descrições mais detalhadas e reflexivas. No entanto, é justamente nesse contexto que a sensibilidade do consultor se torna crucial para evitar excessos ou omissões. Já nas imagens dinâmicas, como filmes e vídeos, o desafio está na concisão e na sincronização com os elementos sonoros e visuais da obra. Em ambos os casos, a atuação do consultor contribui para a construção de um texto mais acessível, fluido e eficaz.

Portanto, a audiodescrição não pode ser compreendida apenas como uma técnica de acessibilidade, mas como uma prática discursiva que envolve múltiplas dimensões – linguística, estética, ética e política. A presença do consultor com deficiência visual no processo de produção é um elemento indispensável para garantir que o roteiro de audiodescrição seja verdadeiramente inclusivo, eficaz e sensível às necessidades do público. Sua atuação não apenas valida o conteúdo, mas também o transforma, conferindo-lhe autenticidade, precisão e relevância comunicacional.

Neste estudo, o foco recai sobre o papel do consultor de audiodescrição, figura central na validação e aprimoramento dos roteiros elaborados por roteiristas videntes. O termo “vidente” é o termo utilizado para se referir as pessoas que enxergam. O consultor atua como mediador entre o texto e o público-alvo, garantindo que a descrição seja não apenas tecnicamente correta, mas também significativa e acessível. O problema de pesquisa que orienta este trabalho é a real necessidade das alterações realizadas no roteiro de audiodescrição após passar pela análise do(s) consultor(es). A investigação busca compreender quais modificações são introduzidas por esse profissional e como elas contribuem para a melhoria do roteiro e para a efetivação da acessibilidade.

A justificativa para este estudo reside na constatação de que, embora o roteirista possua domínio técnico e linguístico, é o consultor quem traz a vivência e a percepção sensorial que permitem validar a eficácia comunicacional do texto. A valorização da atuação da pessoa com deficiência visual no processo de construção

do roteiro é, portanto, não apenas desejável, mas necessária para garantir que a audiodescrição cumpra seu papel inclusivo.

Os objetivos da pesquisa são: identificar as principais modificações realizadas pelos consultores de audiodescrição em roteiros previamente elaborados; analisar o impacto dessas alterações na qualidade e na acessibilidade do texto; e reforçar a importância da participação ativa de pessoas com deficiência visual na produção de conteúdos acessíveis.

2 MÉTODO

A fim de atingir os objetivos propostos, foram selecionadas duas imagens estáticas (fotografias) e realizados os respectivos roteiros de audiodescrição por profissionais roteiristas videntes, conforme as normas de audiodescrição. Em seguida, essas imagens e respectivos roteiros foram enviados para dois consultores de audiodescrição cegos, para os respectivos retornos, lapidações e validações.

Cabe salientar que as os roteiros foram enviados sem identificação para os consultores cegos, a fim de garantir a fidedignidade e rigor da pesquisa. Estes realizaram separadamente as respectivas lapidações e retornaram com os seguintes ajustes sugeridos que serão expostos a seguir.

O Consultor 1 será identificado como “C1” e o Consultor 2 será identificado como “C2”. Inicialmente apresentaremos o roteiro inicial, escrito pelo roteirista de audiodescrição vidente e, posteriormente, as alterações sugeridas pelos consultores de audiodescrição que, obrigatoriamente, precisam ser pessoas com deficiência visual.

2.1 Roteiro de audiodescrição escrito por um roteirista vidente sobre a Imagem

1.

Imagem 1



Fonte: fotografia retirada por um dos autores no evento Il Surdez em Foco promovido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Singularidades Surdas da UFRJ (GEPESS) em 2016. Foi autorizado o uso da imagem.

Roteiro de audiodescrição realizado por roteirista vidente antes de passar pelo consultor audiodescritor:

Fotografia de um auditório com chão de madeira e várias cadeiras de madeira e outras de cor vermelha posicionadas em fileiras verticais. Duas mulheres negras, sentada uma ao lado da outra, conversam através da Língua Brasileira de Sinais (Libras). A mulher do lado esquerdo está com os dedos da mão direita fechados em formato da letra “o” e o dedo indicador reto levantado, e a mão esquerda aberta com a palma para baixo, localizada embaixo da mão esquerda. A outra mulher está com o rosto de perfil direcionado para a mulher do lado esquerdo olhando para ela. Ao redor, várias mulheres sentadas nas cadeiras do auditório.

2.2 Roteiro de audiodescrição escrito por um roteirista vidente sobre a Imagem 2.

Imagem 2



Fonte: fotografia retirada por um dos autores no evento II Surdez em Foco promovido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Singularidades Surdas da UFRJ (GEPESS) em 2016.

Roteiro de audiodescrição realizado por roteirista vidente antes de passar pelo consultor audiodescritor:

Fotografia. Em primeiro plano a moldura de uma porta com borda azul que direciona para um salão com uma mesa de madeira na vertical localizada no centro do salão. Em segundo plano, o salão. Em cima da mesa de madeira, garrafas térmicas de café, caixas de suco, garrafa de água e travessas com bolo e biscoito. O chão desse salão é branco com pequenos losangos azuis posicionados em fileiras verticais. Ao fundo desse salão, uma porta dupla de vidro fechada, com moldura de porta quadriculada azul.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nessa seção de resultados e discussão traremos o retorno dos Consultores C1 e C2 sobre as respectivas imagens. São apresentadas as frases e, embaixo, em itálico, as alterações sugeridas. Posteriormente, ainda nesta seção, apresentamos o roteiro de audiodescrição final, após a inclusão das sugestões dos consultores.

3.1 Retorno do Consultor de Audiodescrição 1 sobre a o roteiro da Imagem 1

Trecho elaborado pelo roteirista vidente: Fotografia de um auditório com chão de madeira e várias cadeiras de madeira e outras de cor vermelha posicionadas em fileiras verticais.

Consultor 1: Citar a orientação da fotografia: vertical, horizontal, etc.

Consultor 1: Começar pelo elemento mais relevante: considero que as pessoas sejam mais relevantes do que o auditório.

Consultor 1: Cadeiras também de madeira, pois quebramos um pouco a repetição de madeira.

Trecho elaborado pelo roteirista vidente: cor vermelha posicionadas em fileiras verticais. Duas mulheres negras, sentada uma ao

Consultor 1: Desnecessário 'cor', pois 'vermelha' não é ambígua.

Consultor 1: Desnecessário posicionadas.

Consultor 1: Citar, mesmo que de forma genérica, quantas fileiras.

Trecho elaborado pelo roteirista vidente: lado da outra, conversam através da Língua Brasileira de Sinais (Libras). A mulher do

Consultor 1: Desnecessário a palavra 'mulher'.

Trecho elaborado pelo roteirista vidente: lado esquerdo está com os dedos da mão direita fechados em formato da letra "o" e o

Consultor 1: Desnecessário a palavra 'lado'.

Trecho elaborado pelo roteirista vidente: dedo indicador reto levantado, e a mão esquerda aberta com a palma para baixo,

Consultor 1: Desnecessário a palavra 'dedo'.

Trecho elaborado pelo roteirista vidente: localizada embaixo da mão esquerda. A outra mulher está com o rosto de perfil

Consultor 1: Desnecessário a palavra 'localizada'.

Consultor 1: Quando descrevemos pessoas, iniciamos pelas características físicas, seguimos para as vestimentas, depois os acessórios e por fim as ações.

Consultor 1: Citar qual perfil.

Trecho elaborado pelo roteirista vidente: direcionado para a mulher do lado esquerdo olhando para ela. Ao redor, várias mulheres

Consultor 1: Desnecessário 'direcionado para a mulher do lado esquerdo olhando para ela'. Sugiro: 'olhando para a primeira'.

Trecho elaborado pelo roteirista vidente: sentadas nas cadeiras do auditório.

Consultor 1: Descrever, de forma genérica, como são essas mulheres.

3.2 Retorno do Consultor de Audiodescrição 2 sobre a o roteiro da Imagem 1

Trecho elaborado pelo roteirista vidente: Fotografia de um auditório com chão de madeira e várias cadeiras de madeira e outras de cor vermelha

Consultor 2: Recomendo verificar a repetição do termo "madeira". Veja se conseguimos reformular a frase de modo a sanar essa repetição. Algo como "o piso é de madeira assim como parte das cadeiras". O roteiro fala da cor das outras cadeiras, mas não fala se são de aço, plástico, ferro, etc.

Trecho elaborado pelo roteirista vidente: posicionadas em fileiras verticais.

Consultor 2: O que quer dizer "fileiras verticais"? As cadeiras formam uma fila? Elas estão como em um auditório tradicional?

Trecho elaborado pelo roteirista vidente: Duas mulheres negras, sentada uma ao lado da outra, conversam através da Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Consultor 2: Será que precisaremos dizer que elas estão sentadas, uma ao lado da outra?

Para refletir apenas.

Trecho elaborado pelo roteirista vidente: A mulher do lado esquerdo está com os dedos da mão direita fechados em formato da letra o indicador reto levantado, e a mão esquerda aberta com a palma para baixo, localizada embaixo da mão

esquerda. A outra mulher está com o rosto de perfil direcionado para a mulher do lado esquerdo olhando para ela.

Consultor 2: Recomendo reformular essa frase e refletir se é necessário dizer que uma está olhando para a outra.

Trecho elaborado pelo roteirista vidente: Ao redor, várias mulheres sentadas nas cadeiras do auditório.

Consultor 2: Outras mulheres, já que falamos de mulheres antes.

Consultor 2: Já falamos de auditório também.do auditório.

3.3 Retorno do Consultor de Audiodescrição 1 sobre a o roteiro da Imagem 2

Trecho elaborado pelo roteirista vidente: Fotografia. Em primeiro plano a moldura de uma porta com borda azul que direciona para

Consultor 1: Citar a orientação da fotografia.

Consultor 1: Retirar o ponto após fotografia, pois a frase fica esvaziada, impedindo que o usuário possa fazer qualquer formação imagética.

Consultor 1: Desnecessário EM PRIMEIRO PLANO.

Consultor 1: A meu ver o item mais relevante é o salão e não a porta. Assim, deveria iniciar com a descrição do salão.

Trecho elaborado pelo roteirista vidente: um salão com uma mesa de madeira na vertical localizada no centro do salão. Em segundo

Consultor 1: Sugiro NO CENTRO DO ESPAÇO, pois evitamos a repetição de SALÃO.

Trecho elaborado pelo roteirista vidente: plano, o salão. Em cima da mesa de madeira, garrafas térmicas de café, caixas de suco,

Consultor 1: Desnecessário EM SEGUNDO PLANO O SALÃO.

Consultor 1: Desnecessário EM CIMA DA MESA DE MADEIRA. Sugiro NA MESA.

Consultor 1: Citar quantas GARRAFAS.

Consultor 1: Citar quantas CAIXAS.

Trecho elaborado pelo roteirista vidente: garrafa de água e travessas com bolo e biscoito. O chão desse salão é branco com

Consultor 1: Citar quantas TRAVESSAS.

Consultor 1: Desnecessário DESSE SALÃO.

Trecho elaborado pelo roteirista vidente: pequenos losangos azuis posicionados em fileiras verticais. Ao fundo desse salão, uma

Consultor 1: Desnecessário posicionados.

Consultor 1: Desnecessário DESSE SALÃO.

3.4 Retorno do Consultor de Audiodescrição 2 sobre a o roteiro da Imagem 2

Trecho elaborado pelo roteirista vidente: Fotografia. Em primeiro plano a moldura de uma porta com borda azul que direciona para um salão com uma mesa de madeira na vertical localizada no centro do salão.

Consultor 2: Recomendo retirar o artigo "a".

Consultor 2: Recomendo retirar o "que". Assim a frase fica mais leve e objetiva.

Consultor 2: "mesa de madeira na vertical". Frase confusa.

Consultor 2: Talvez pudéssemos excluir a palavra "localizada". Isso apenas para economizar palavras.

Consultor 2: Repete-se a palavra "salão". Seria interessante suprimir uma delas.

Trecho elaborado pelo roteirista vidente: Em segundo plano, o salão. Em cima da mesa de madeira, garrafas térmicas de café, caixas de suco, garrafa de água e travessas com bolo e biscoito. O chão desse salão é branco com pequenos losangos azuis posicionados em fileiras verticais. Ao fundo desse salão, uma porta dupla de vidro fechada,

Consultor 2: Sugiro retirar "posicionados"

Consultor 2: suprimir, ou reduzir a um o trecho "desse salão".

3.5 Roteiro final da Imagem 1 após o parecer dos dois consultores.

Fotografia horizontal. Duas mulheres, uma ao lado da outra, conversam através da Língua Brasileira de Sinais – Libras. A do lado esquerdo, de pele negra, cabelos pretos lisos na altura do queixo e vestido azul com estampas geométricas,

está com os dedos da mão direita fechados em formato da letra “o” e o dedo indicador reto levantado, e a mão esquerda aberta com a palma para baixo, embaixo da mão esquerda. A outra mulher, de pele parda, cabelos pretos lisos na altura do queixo e vestido florido, está com o rosto de perfil direito, olhando para a primeira. Ao redor, outras mulheres sentadas em cadeiras em um auditório com piso de madeira assim como parte das cadeiras. Outras cadeiras são vermelhas de material acolchoado.

3.6 Roteiro final da Imagem 1 após o parecer dos dois consultores.

Fotografia vertical com moldura de uma porta com borda azul, em primeiro plano, que direciona para um salão com uma mesa de madeira no centro do espaço. Na mesa do salão: duas garrafas térmicas de café, duas caixas de suco, uma garrafa de água, uma travessa azul, um prato com bolo, dois pratos com biscoitos e dois pratos com salgados. O chão desse salão é branco com pequenos losangos azuis em fileiras verticais. Ao fundo, uma porta dupla de vidro fechada, com moldura de porta quadriculada azul.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa reafirma a relevância da atuação do consultor de audiodescrição como elemento central na construção de roteiros verdadeiramente acessíveis. Ao longo do estudo foi possível constatar que os objetivos propostos foram atingidos: identificaram-se as principais modificações realizadas pelos consultores com deficiência visual, analisou-se o impacto dessas alterações na qualidade textual e evidenciou-se a importância da participação ativa desses profissionais na produção de conteúdos acessíveis.

A valorização do consultor de audiodescrição transcende o aspecto técnico. Trata-se de reconhecer o protagonismo da pessoa com deficiência visual como agente transformador na mediação comunicacional. A experiência sensorial e a vivência cotidiana da ausência de visão conferem ao consultor uma perspectiva única, capaz de validar, aprimorar e tornar mais eficaz o roteiro elaborado por roteiristas videntes. Essa colaboração não apenas enriquece o texto, mas também assegura que ele dialogue de forma significativa com o público-alvo.

Durante o processo de lapidação e validação dos roteiros, observou-se uma melhora substancial na qualidade das descrições. As sugestões dos dois

consultores contribuíram para escolhas lexicais mais precisas, maior fluidez textual e adequação comunicacional. No entanto, é importante destacar que nem todas as recomendações foram integralmente acatadas. O resultado final foi fruto de um processo dialógico entre os consultores e o roteirista, evidenciando a natureza colaborativa e multidisciplinar da produção de audiodescrição.

Esse trabalho em equipe revela-se essencial para garantir que o roteiro não apenas descreva imagens, mas também comunique com sensibilidade, clareza e respeito às especificidades do público com deficiência visual. A combinação das contribuições dos consultores com o retorno ao roteirista permitiu a construção de um texto mais inclusivo, que respeita tanto os aspectos técnicos quanto as nuances perceptivas de quem vivencia a ausência de visão.

A atuação do consultor, portanto, não deve ser vista como uma etapa secundária ou meramente corretiva, mas como parte integrante e indispensável do processo de criação. Sua presença assegura que a audiodescrição cumpra seu papel ético, estético e político, promovendo o acesso equitativo à informação, à cultura e à educação. Valorizar esse profissional é reconhecer que a acessibilidade plena só se concretiza quando há escuta, diálogo e protagonismo das pessoas com deficiência.

Dessa forma, reafirma-se que a audiodescrição é mais do que uma técnica: é uma prática discursiva que exige sensibilidade, competência e compromisso com a inclusão. A valorização do consultor de audiodescrição é, portanto, um imperativo acadêmico, social e político para contribuir para a construção de uma sociedade acessível.

5 REFERÊNCIAS

- Ferreira, M. B. R. (2020). Audiodescrição: o audiodescritor, o sujeito e a cena. *Educação e Fronteiras On-Line*, 28 (10), 46-54.
<https://doi.org/10.30612/eduf.v10i28.13015>
- Joly, M. (2007) *Introdução à Análise da Imagem*. (Ed. 70) Lisboa.
<https://www.unijales.edu.br/library/downebook/id:63>
- Lupetina, R. (2021a) *LEPEDI em ação: Dicas de audiodescrição para lives* [Vídeo]. YouTube. <https://youtu.be/tRf77OHFYq0?si=UP20Tj6kSkfykift>
- Lupetina, R. (2021b) *Oficina Audiodescrição: técnicas de acessibilidade comunicacional para atender o público com deficiência visual* [Oficina].

Comissão de Divulgação do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação Diversidade e Inclusão (LEPEDI). [Internal Workshop].

Mayer, F. A. & Pinto, J. (2018). *Perspectivas contemporâneas em audiodescrição*. (1a ed.) CRV.

Motta, L. M. V. de M., & Filho, P. R. (2010) *Audiodescrição: Transformando imagens em palavras*. (1a ed). Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo.

Neves, J. (2011) *Imagens que ouvem: guia de audiodescrição* (1a ed). Instituto Nacional de Reabilitação Politécnico de Leiria.

Snyder, J. (2007) Audio description: the visual made verbal. *The International Journal of the Arts in Society*. (1a ed., Vol. 2).
http://msradio.huji.ac.il/ad_international_journal_07.pdf